

Portfólio de Projeto Pedagógico em Arte
Aline Campos de Oliveira

DE CONTOS DE FADAS ÀS TERRAS DA ÁFRICA

Centro Municipal de Educação Infantil Nice Braga
Curitiba
2018

JUSTIFICATIVA

A justificativa para este trabalho é a experiência negativa com a representatividade visual negra que me marcou quando frequentava o antigo jardim de infância.

Enquanto elaborava esta proposta, encontrei um dos meus trabalhos desta época, que ilustra esta situação. Embora hoje seja um pouco diferente, ainda permanecem estereótipos negativos da identidade negra e iniquidade racial na educação infantil, mesmo após a Lei nº 10.639/2003, Parecer nº 03/2004 e Parecer nº 02/2007, comprovadas por pesquisas acadêmicas recentes nesta etapa educacional e em minha observação cotidiana.

Todas estas situações, somadas ao meu trabalho como professora de educação infantil e graduanda em Licenciatura em Artes Visuais, me impulsionaram a realizar um trabalho unindo a Educação das Relações Étnico Raciais **COM** a Arte Visual, objetivando apresentar às crianças a diversidade racial na arte, com o intuito de visibilizar a contribuição do negro, como artista e como representado de suas próprias narrativas, ampliando o repertório cultural e imagético das crianças.

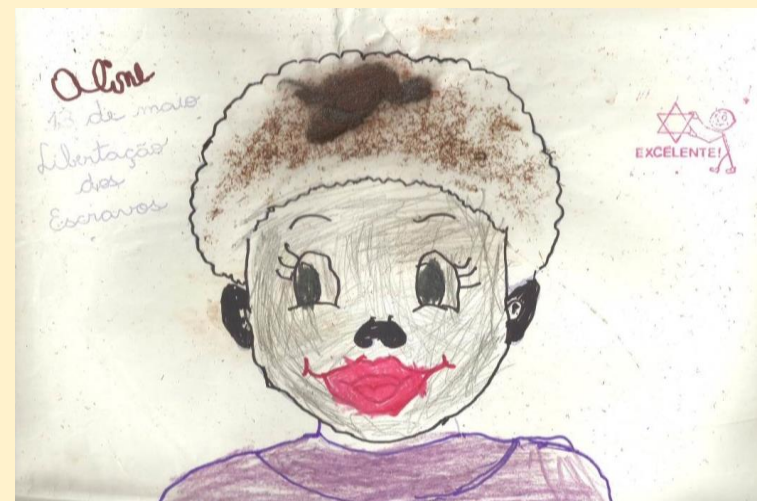


Imagem 1 – Trabalho realizado pela professora, quando frequentava a pré-escola (pintura, contorno e colagem com palha de aço no cabelo da figura).

FONTE: Arquivo pessoal (2018)

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Apresentar a arte visual afro-brasileira contemporânea e seus desdobramentos de modo contextualizado a cultura infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Perceber diferenças e semelhanças étnico-raciais.
- Respeitar e valorizar a diversidade étnico-racial e cultural.
- Realizar leitura de imagens visuais.
- Conhecer e vivenciar contextos relativos às narrativas das imagens em outros tempos e locais.
- Explorar materiais que possam ser utilizados em criações artísticas bidimensionais.
- Realizar uma produção artística baseada nas experiências vivenciadas.

AVALIAÇÃO

- Participação das crianças nas propostas.
- Falas, observações e reações das crianças durante as atividades e em outros momentos que tenha relação com os conhecimentos desenvolvidos no projeto.
- Produções visuais das crianças.

CARACTERÍSTICAS DA TURMA PARCEIRA:

- Crianças com faixa etária de 4 a 5 anos de idade (Pré II).
- Boa relação com as professoras de Linguagens Artísticas (encontros semanais).
- Entusiasmo pelas propostas artísticas.
- Interesse literário.

* As crianças são apresentadas com nomes fictícios de personagens de Maurício de Sousa, que é autor favorito da turma.

ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Pensar com a arte e não sobre a arte, BORGES (2017, p. 68).
- Ampliação dos repertórios vivenciais e culturais, trabalho com as múltiplas linguagens. Processo contínuo e cotidiano, envolvendo pesquisas e conquistas. Que tragam experiências significativas, que alimentem a imaginação das crianças, para que elas possam ir além do habitual, OSTETTO (2010).
- Trabalho que envolva diversos sentidos, HOLM (2007).
- As possibilidades da arte contemporânea na educação infantil, CUNHA, S. R. V. et al (2017).

PARA TECER UMA RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO DAS CRIANÇAS E A OBRA DA ARTISTA QUE SERIA ABORDADA

- Sondagem sobre o que as crianças conheciam como Contos de Fadas e quais conheciam, foi perguntado no grande grupo e individualmente.
- Contos de Fadas citados: Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, João e o Pé de Feijão, A Bela e a Fera, Polegarzinha, Rapunzel, João e Maria, Cinderela e **A Princesa e a Ervilha (Hans Christian Andersen)**.
- Na versão de A Princesa e a Ervilha de Rachel Isadora, haviam prós e contras. Tendo analisado diversas opiniões (YENIKA-AGBAW E HUDOCK, 2013; FARIAS, 2018; CAGNETI E SILVA, 2013) decidi manter o livro, pois era uma obra do conhecimento de uma das crianças, com ilustração rica (tendo uma exceção), aborda algumas culturas africanas (imagens), permite leitura crítica, pesquisa e faz um bom intercâmbio com a obra de Renata Felinto.

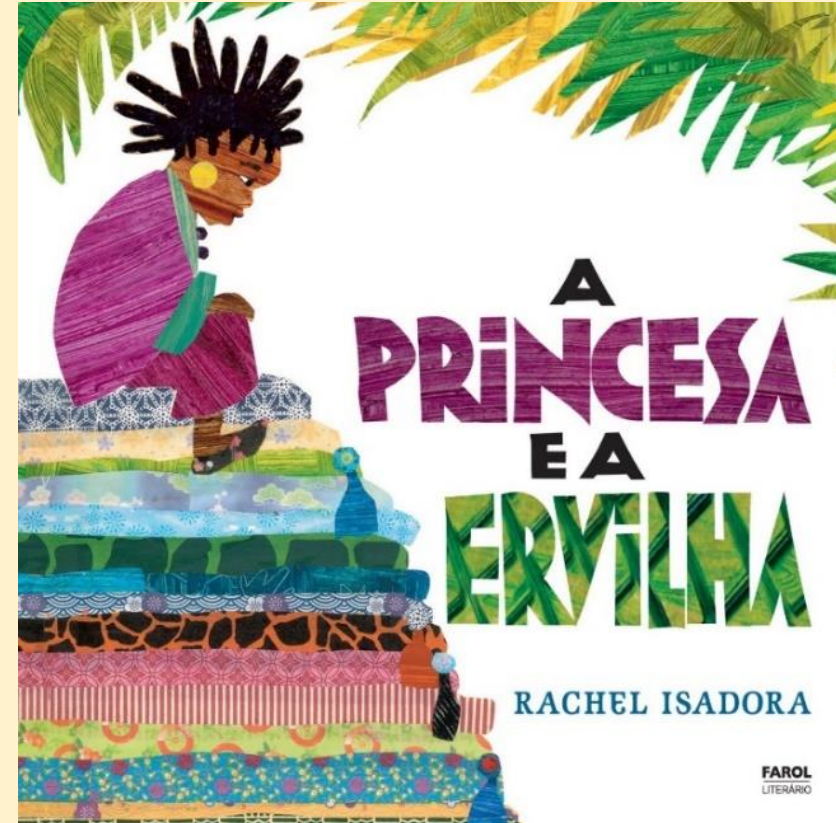


Imagem 2 – Capa do livro A Princesa e a Ervilha
FONTE: Site Amazon (2019)

APRESENTAÇÃO DA VERSÃO A PRINCESA E A ERVILHA DE RACHEL ISADORA:



Imagem 3 – Ilustração inicial da história a Princesa e a Ervilha na versão de Isadora
FONTE: A autora (2018)

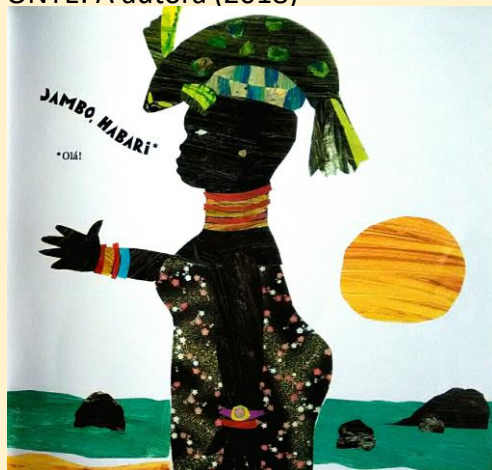


Imagem 4 – Princesa do Quênia

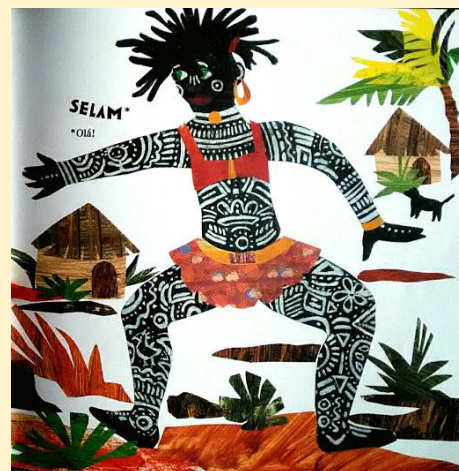


Imagem 5 – Princesa da Etiópia

As crianças “estranharam” a história, o príncipe não tinha coroa, “estava sujo” usava brinco, tinha roupas coloridas, algumas princesas tinham o pescoço alongado, pinturas pelo corpo, o cabelo rastafári, não eram magros e eram todos negros. Eles diziam entre si que eram feios e se olhavam como se eu tivesse lhes apresentado uma história muito errada, muito irreal.

A pesquisadora Eliane Cavalleiro (2010, não p.) afirma que as vítimas ou protagonistas das situações de discriminação ou preconceito, não devem ser culpadas por tais acontecimentos, pois são resultantes das relações em nossa sociedade. Quando percebemos tais atitudes por parte das crianças, enquanto educadores devemos refletir e intervir.

A ilustradora Rachel Isadora errou ao criar a princesa da Etiópia, extremamente caricata, o que destoa do restante das ilustrações do livro e não representa a realidade das etnias do Vale do Rio Omo.

OBRA: SÉRIE NÃO CONTE COM A FADA (2012 - 2013)

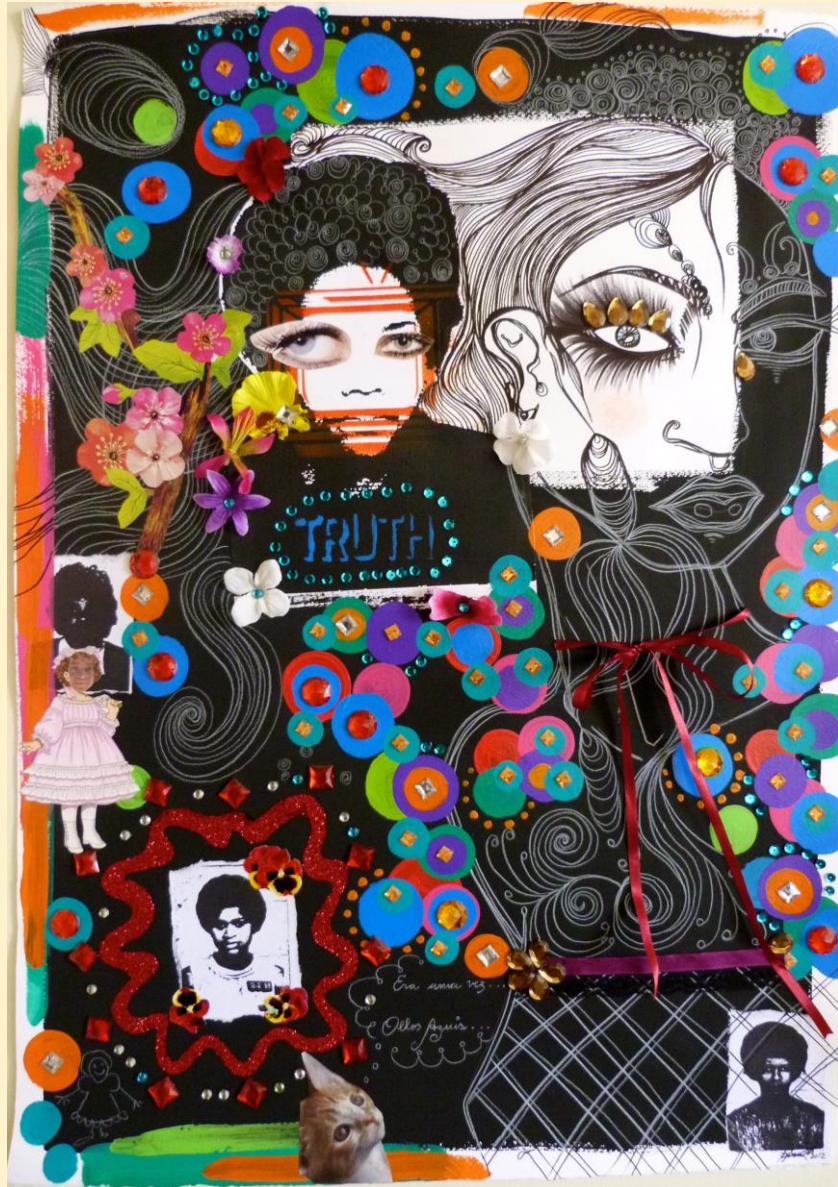
ARTISTA: RENATA FELINTO



Imagem 6 – Série Não Conte com a Fada, trabalhos 1, 2 e 3

FONTE: Flickr da artista (2018)

Série que trata do impacto causado pelos contos de fadas na formação da identidade de crianças não europeias, em relação ao fenótipo, à aceitação da própria imagem e às atitudes na vida social. Referências como meninas negras de olhos claros, brilhos e glitter, colagens de fotografias antigas, dentre outros elementos tentam criar uma atmosfera de fantasia e feérica [...] (FELINTO, 2013, não p.).



TRECHO DA CONVERSA DAS CRIANÇAS DURANTE A LEITURA DA SÉRIE

Mônica: Eu acho que o nome dela é Ervilha.

Professora: Por que?

Mônica: Porque o cabelo dela é igual!

Professora: Você acha?

Mônica: A outra é...mas este gato não tinha na história.

Quinzinho: Por que aquele ali tá com aquele rosto marrom? Não é dali, é um menino. Tem um corpo claro e um rosto marrom.

Imagem 7 – Trabalho 3, da série Não Conte com a Fada
FONTE: Flickr de Renata Felinto (2018)

INTERVENÇÃO: COMO SE VESTE A REALEZA AFRICANA



Imagem 8 – Tecidos utilizados nas composições do vestuário

FONTE: A autora (2018)



Imagem 9 – Crianças escolhendo acessórios

FONTE: A autora (2018)



Imagem 10 – Kufi ou Quepe

FONTE: A autora (2018)



Imagem 11 – Crianças com o vestuários (imagem desfocada)

FONTE: A autora (2018)

Percebi a necessidade da turma de experimentar aquilo que lhes é mostrado e lembrei que as estampas do livro chamaram a atenção das crianças, ao mesmo tempo que as vestes da realeza africana lhes causaram estranhamento, tive a ideia de trazer tecidos para que eles(as) experimentassem roupas parecidas com as representadas nas ilustrações de Isadora, brincando com elas, para que tivessem uma experiência que lhes passasse pelo corpo, pois de acordo com Rosa Iavelberg (2017) o brincar, o movimento e a participação corporal são fundamentais na imersão das crianças desta faixa etária.

Trouxe tecidos estampados para que as crianças vestissem formando os trajes africanos reais, chamávamos um a um, elas escolhiam os tecidos e fazíamos amarrações em seus corpos, por cima do uniforme, depois escolhiam os adereços, como brincos e pulseiras.

Algo bem significativo no enredo da história que chamou a atenção das crianças, eram os trajes masculinos, os homens também usavam chapéu e adornos, algo incomum nas histórias mais conhecidas, pois os acessórios mais suntuosos, sempre são reservados ao gênero feminino.

Depois que as crianças estavam vestidas, brincamos de procurar a ervilha debaixo do colchão e eles também brincaram em brincadeiras paralelas, tiramos fotos e eles ficaram super orgulhosos com suas vestes. Elogiavam uns aos outros e queriam trocar as roupas. No final do dia lhes entreguei uma bala de goma, representando nossa “ervilha mágica”.

As crianças ficaram muito empolgadas com esta proposta, então a partir daí resolvi explorar as culturas presentes no livro.

PINTURA CORPORAL DA ETNIAS DA ETIÓPIA



Imagem 12 – Criança da etnia Suri da Etiópi
FONTE: Hans Silvester no site DOP

A majestade das fotografias de Hans Silvester, contrastaram com a ilustração jocosa de Rachel Isadora, foi importante esta comparação com a realidade. As crianças se encantaram com as imagens e relataram que viram imagens e produziram máscaras africanas com suas professoras de referência.



Imagem 13 – Crianças observando as pinturas corporais dos grupos étnicos do Omo Valley
FONTE: A autora (2018)



Imagem 14 – Pintura no rosto do colega com argila
FONTE: A autora (2018)

Como vivência experimental, após a apresentação das imagens, propus fazer uma pintura com pó de argila medicinal em seus rostos. Onde em pares, cada criança pintaria o rosto da outra. Uma criança não quis participar e escolheu brincar de fantoches. Depois que todos terminaram tiramos fotos eles puderam retirar a pintura. No ano anterior esta turma já havia realizado uma proposta parecida, de desenho em seus próprios rostos com lápis aquarela.

PINTURA CORPORAL DA ETNIAS DA ETIÓPIA

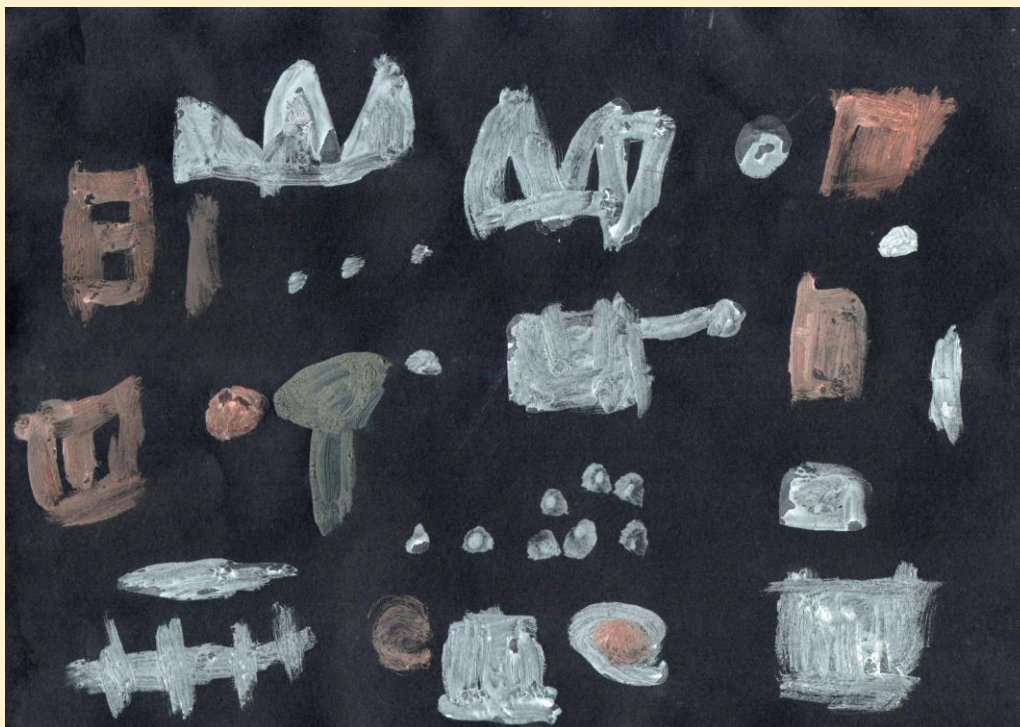


Imagem 15 – Pintura com argila no papel realizada por Denise
FONTE: A autora (2018)

Como percebi que a turma gostou de pintar com a argila, disse que poderiam fazer as pinturas com a tinta no papel. Para isto oferei papel em gramatura de 180 g/m³ que é mais firme, de cor preta para criar maior contraste com as cores de argila, que eram claras e também para fugir da típica folha branca, como assinala Cunha, S. R. V. (2017). As crianças fizeram formas como se fossem códigos, diferentes de seus desenhos habituais. Depois expusemos as pinturas na área externa e muitas crianças mostraram e explicaram aos seus pais do que se tratava o trabalho na saída.

Cabe mencionar que estas últimas práticas – vestir-se de realeza africana e pintar-se, estão ligadas ao lúdico da infância, devidamente contextualizadas e significadas. Iana Tatiana Bonin (2008) ao tratar da questão indígena, por exemplo, crítica as práticas no ambiente educativo que trazem generalizações, simplificações, caricaturas, trazendo um conjunto fixo de informações a respeito destes povos.

Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro (2015) ao tratar da apropriação cultural negra, ressalta que o problema está em utilizar os elementos desta cultura, como por exemplo: o turbante, usá-lo sem saber o seu valor simbólico na religiosidade, ou de posição social dentro dessas comunidades. No desenvolvimento deste projeto, foi explicado às crianças os valores simbólicos das vestimentas e pinturas. E a intenção era a produção e experimentação momentâneas, não era para que as crianças voltassem para casa “pintadas”, por exemplo.

Mas sim, que suprimindo a ausência sentida pela artista Renata Felinto (não expliquei em nenhum momento o sentido da obra às crianças), existe uma princesa e príncipe que fogem do padrão eurocêntrico, em que as crianças não brancas podem se espelhar e se orgulhar.

GRAFFITI DO QUÊNIA (E DO BRASIL)



Imagem 16– Graffiti em Nairobi
FONTE: Site Afreaka

As crianças assistiram a um clipe de artistas realizando graffiti no Quênia. Gostaram também da música do clipe, por isso lhes mostrei alguns clipes de música hip-hop principalmente e depois as crianças inventaram suas próprias coreografias.

Também exploramos materiais que melhor se adaptassem ao acetato para um efeito de graffiti, foi testado tinta guache e tinta acrílica neon, com escova dental e pincel espirrado sobre a superfície. Esta tinta também foi diluída para aplicar com borrifador e por último utilizamos spray colorido de cabelo.



Imagem 17– Pintura no acetato com pincel
FONTE: A autora (2018)



Imagem 18– Pintura no acetato com spray de cabelo
FONTE: A autora (2018)



Imagem 19 – Pintura no acetato
FONTE: A autora (2018)

GRAFFITI DO QUÊNIA (E DO BRASIL)

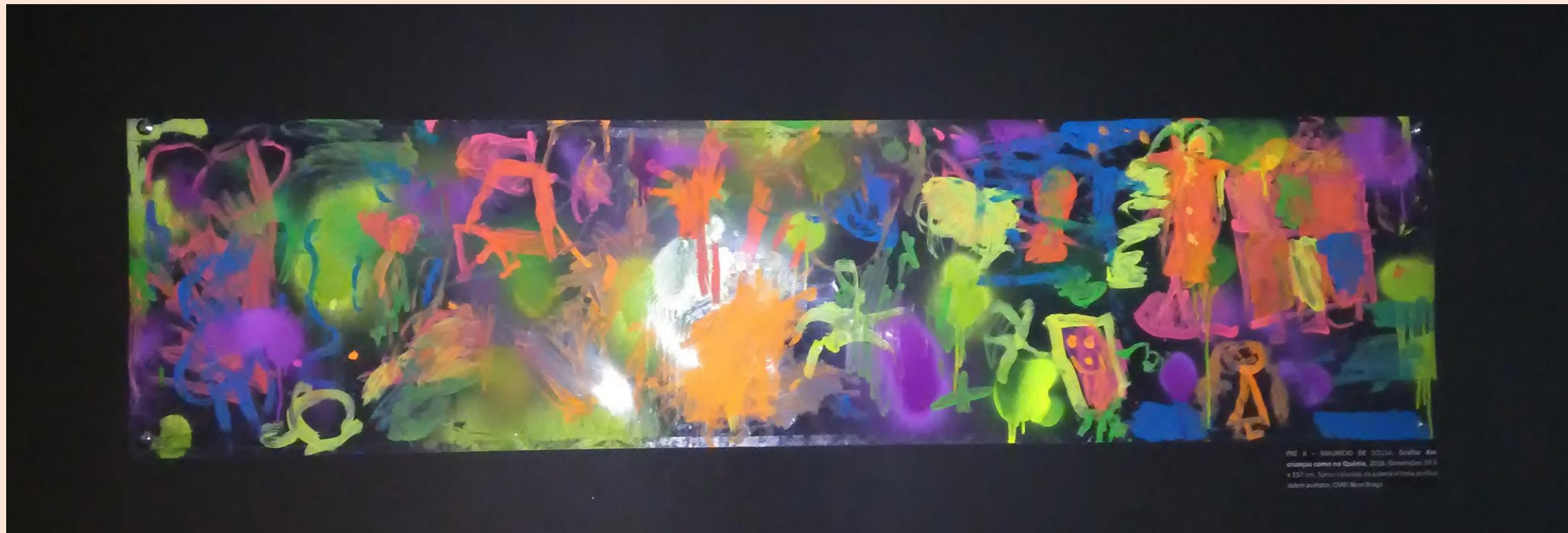


Imagem 20 – Resultado final do grafitti da turma do Pré II na sala escura.

FONTE: A autora (2018)

PRODUÇÃO FINAL: RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO

Como produção final foi proposta às crianças que fizessem uma produção com os elementos que Renata Felinto usou em sua obra, que já havia sido identificada pelas crianças, que tinham contato frequente com a reprodução das obras, com as experiências que havíamos tido no projeto, para isso passei fotos como uma retrospectiva para eles. Algumas crianças disseram que iam desenhar príncipes e princesas africanos e boa parte da turma seguiu esta temática.

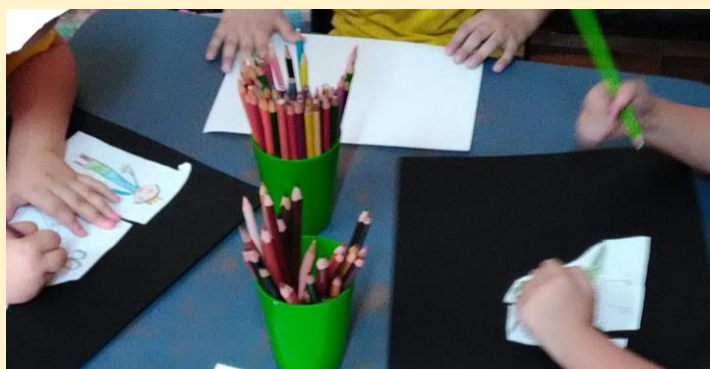


Imagem 21 – Desenho dos personagens
FONTE: A autora (2018)



Imagem 22 – Composição do trabalho final
FONTE: A autora (2018)



Imagem 23 – Composição do trabalho final, colagem
FONTE: A autora (2018)

PRODUÇÃO FINAL: RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO



Imagem 24 – Princesa de Marina, à esquerda. E as duas de Mônica à direita

FONTE: A autora (2018)

ENQUANTO DESENHAM:

Mônica: Eu estou fazendo uma princesa africana.

Marina: Eu vou fazer uma do Brasil e uma da África.

Mônica: a minha tem aquelas pinturas no rosto, eu vou pintar ela de marrom.

Marina: Eu vou pintar de cor da pele e de marrom.

Professora: este lápis se chama salmão ou rosa, cada um de nós tem a pele de uma cor.

MARINA EM MOMENTO ANTERIOR... UM DIA NO PARQUE...

Marina: olha professora uma princesa africana.

Professora: Ela não é uma princesa africana, é uma menina da outra turma, os avós dela vieram da África, assim como os meus. Mas ela é daqui.

Marina: Eu queria brincar com ela!

Professora: vai lá, pergunta qual é o nome dela?

[Ela acaba não indo, pois suas colegas chegam e a chamam para brincar.]

Fiquei encantada com Marina na ocasião, pois na minha infância, vivia uma situação inversa, ninguém queria brincar comigo por ser uma criança negra. Então percebi o efeito do trabalho que estava desenvolvendo com as crianças. Nesta ocasião também não observei sua construção de um Brasil unicamente branco, embora eu tenha dito que eu e a menina tínhamos nascido aqui.

PRODUÇÃO FINAL: RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO



Imagem 25 – Composição de Franjinha
FONTE: A autora (2018)

“É Anjinho fazer
arte dá
trabalho!”



Imagem 26 – Composição de Aninha
FONTE: A autora (2018)



Imagem 27 – Composição de Zé Luís
FONTE: A autora (2018)

AVALIAÇÃO FINAL

O QUE APRENDI:

- A importância com o trabalho a partir da cultura infantil, neste caso a literatura, brincadeira... Como aponta Sarmiento (2004).
- A representatividade negra também pode se apresentar em brincadeiras, histórias, brinquedos e imagens do ambiente educativo, não sendo necessário um projeto para isso, mas pequenas ações frequentes durante o ano todo, como aponta o Parecer nº 02/2007.
- As crianças perceberam as diferenças identitárias e valorizaram a identidade negra, demonstrando nos desenhos, em ações, conversas e relacionamentos.
- Houve o trabalho com as múltiplas linguagens como aponta Ostetto, sendo um dos objetivos do trabalho em Arte na infância.
- Foram construídas novas possibilidades na construção visual e pesquisas de materiais da professora e crianças como no trabalho com grafite, mas também com a argila e no trabalho final.
- A importância do processo para a criança e expectativa de adulto, embora eu saiba disso eu tinha uma expectativa que foi quebrada pelas crianças, em muitos momentos elas me disseram "isso já é importante para nós", eu queria que elas figurassem no graffiti o que não aconteceu prioritariamente, pois elas estavam conhecendo, explorando o material.
- As possibilidades e aproximações da Arte Contemporânea na Infância, narrativas, materiais.
- O trabalho COM a Arte e não por meio, as crianças se apropriaram da Educação das Relações Étnico Raciais, aprendendo COM a Arte.

DIFICULDADES

- Tempo, iniciei o projeto no final do ano. Com mais tempo seria possível a leitura final dos trabalhos, exposição e o esclarecimento de algumas questões que foram percebidas depois.

O QUE FARIA DA PRÓXIMA VEZ:

- Envolveria as famílias no projeto.

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana. Narrativas sobre diferença indígena: como se produz um "lugar de índio" no contexto escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 89, n. 222, p. 312-324, mai., 2008. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/703>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BORGES, Camila Bettim. Respingos, colagens, vozes, sensações. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 65-74. ago. 2019.

_____. **Lei nº 10.639** de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências., Brasília/DF, 09 janeiro 2003.

_____. **Parecer nº 2** de dezembro de 2007. Parecer quanto a abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília/DF, 2007. Disponível portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb002_07.pdf. Acesso em: 5 maio 2018.

_____. **Parecer nº 3** de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Brasília/DF, 2004.

CAGNETI, Sueli de Souza; SILVA, Cleber Fabiano da. **Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África**. 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

FARIAS, Jessica Oliveira. **A representação do negro na literatura infantil brasileira**. Periferia, v. 10, n. 1, p. 17-32, 2018.

FELINTO, R. Da série "**Não conte com a fada**". Não paginado. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/renatafelinto/7496061152/in/album-72157631590475026/>. Acesso em: mai. 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SILVA, Flora Pereira. **Nairóbi e a revolução do graffiti: conscientização política pela arte dos muros**. Afreaka, não paginado, 29 jan. 2013. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/nairobi-e-a-revolucao-do-graffiti/>. Acesso em: set. 2018.

HOLM, Anna Marie. **Baby - Art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

ISADORA, Rachel. Tradução de: BURANI, Thaisa. **A princesa e a ervilha**. São Paulo: Farol Literário, 2010.

OLIVEIRA, Aline Campos de. **Educação das relações étnico-raciais na infância: perspectivas de uma professora negra com a linguagem artística**. 58 f. Monografia (Licenciatura Em Artes Visuais) – Campus II Faculdade de Artes do Paraná, Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-reitora de Graduação. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica. v. 3, p. 27-39, 2010.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. Negritude, apropriação cultural e a "crise conceitual" das identidades na modernidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVIII, 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos**...Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427821377_ARQUIVO_LISANDRA-TEXTOCOMPLETOANPUH2015.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

YENIKA-AGBAW, Vivian; HUDOCK, Laura Anne. Old Tales in New Clothing Isadora Peddles Exotic Africa? In: _____; LOWERY, Ruth Mckoy; HENDERSON, Laretta (Ed.). **Fairy tales with a black consciousness: essays on adaptations of familiar stories**. McFarland, 2013. p. 43 -59.